

ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI: A RAIVA COMO EXPRESSÃO DE UMA EMOÇÃO

Maiara Cella *
Scheila Beatriz Sehnem **
Ana Paula Rosa ***

Resumo

Raiva é o sentimento que se manifesta diante do que nos frustra ou nos incomoda, e a intensidade desse sentimento varia de pessoa para pessoa; a questão principal é como reagimos a isso, se agressiva, passiva ou assertivamente. Neste trabalho de investigação teve-se como objetivo avaliar a raiva enquanto traço de personalidade de adolescentes que cumprem medidas socioeducativas no Centro de Atendimento Socioeducativo Provisório (Casep) de um município da região Meio-Oeste de Santa Catarina, considerando-se que há poucas pesquisas relacionadas ao assunto. Foram utilizados dois testes psicológicos, sendo eles o STAXI (Inventário de Expressão de Raiva como Estado e Traço) e o teste EMAC (Escala Masculina e Autocontrole), bem como uma entrevista semiestruturada. Os resultados sugerem que esses adolescentes apresentam traços em sua personalidade que os deixam mais hostis ou agressivos, ocasionando a sua raiva sem algum motivo relevante. A maioria dos adolescentes apresenta traços significativos na externalização da raiva para o meio social, indicando que esses sujeitos não apresentam autocontrole sobre suas emoções. Palavras-chave: Emoção. Raiva. Adolescentes. Medida socioeducativa.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, muitas pesquisas têm sido realizadas, entre elas as de Dias, Vikan e Gravas (2000), Ballone (2006), Guimarães e Pasian (2006), Monteiro e Günther (2006), Ferreira e Capitão (2006) e Lipp, Cabral e Grün (2009). Cabe ressaltar que estas têm feito grandes avanços nos estudos relacionados à emoção, tanto no campo da Psicologia quanto no da Medicina. Sabe-se que as emoções reprimidas trazem grandes malefícios à saúde e à vida em grupo. Ainda há muito que se estudar sobre essa temática para trazer uma qualidade de vida significativa para as pessoas, pois, visto que a sociedade mudou e impôs um ritmo frenético às vidas das pessoas, elas estão apenas vivendo, não vivenciando cada momento de sua vida, e, dessa forma, adoecem por reprimirem suas emoções ou expô-las de forma equivocada.

As emoções são inatas a todos os seres humanos, e em toda cultura há um conjunto de regras a ser seguido, especificando, assim, se devemos ou não expressar determinadas emoções. Se vivemos em um ambiente onde as pessoas sabem expor suas emoções, conseqüentemente, seremos condicionados a agir de tal forma, mas se vivemos em um ambiente hostil, onde os extremos das emoções são sempre apresentados, desenvolveremos também esse comportamento. Petterson (apud SHAFFER, 2009, p. 500) coloca que a vida em um lar coercivo de fato implica diversos riscos e, normalmente, é o primeiro passo crucial para o caminho da agressão crônica e da delinquência. Muitos desses indivíduos que viveram em um ambiente hostil não sabem expressar suas emoções e, por conseguinte, colocam-se em situações estressantes, constrangedoras ou desenvolvem algum problema de saúde.

Uma das emoções que geram mais danos e conseqüências às pessoas é a raiva. Vale ressaltar que uma pessoa em estado de raiva pode ter ações impensadas, fazendo surgir seus instintos mais primitivos, ou quando não a expõe, fica mais irritada, podendo gerar conseqüências danosas ao seu organismo. Para Castilho (2011, p. 55), a raiva nos leva a tomar atitudes psicológica e fisicamente violentas. Ballone (2006) expõe que a raiva faz mal à saúde e que

* Graduada em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; maiara_jba@hotmail.com

** Mestre em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Graduada em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Professora e Psicóloga na Universidade do Oeste de Santa Catarina; Rua Getúlio Vargas, 2125, Flor da Serra, 89600-000, Joaçaba, Santa Catarina, Brasil; scheila.sehnem@unoesc.edu.br

*** Especialista em Administração de Recursos Humanos pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Graduada em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; ana.rosa@unoesc.edu.br

de fato aumenta significativamente o risco de se ter algum problema sério de saúde, o que inclui desde uma simples crise alérgica, uma grave úlcera digestiva até um fulminante ataque cardíaco.

Quando os adolescentes entram no contexto do mundo adulto, ocorre a transição da infância para a vida adulta, ocorrem mudanças significativas tanto de ordem física e mental quanto de ordem emocional.

Para Hurlock (1979, p. 2):

[...] a adolescência é muito mais do que outro degrau na escada a partir da segunda infância. É um período automático, necessário para o desenvolvimento do ego. É uma despedida das dependências da infância e um avanço precoce para a idade adulta. O adolescente é um viajante que deixou um lugar e ainda não chegou ao seguinte [...] É um intervalo entre liberdades anteriores [...] e responsabilidades e comprometimentos concernentes a trabalho e amor.

É a época em que os adolescentes experienciam e extrapolam efetivamente suas emoções. É nesse emaranhado de emoções que alguns deles acabam desenvolvendo comportamentos de risco, como uso de drogas, violência, pequenos furtos, entre outros.

Um dos grupos que está mais vulnerável a essa emoção são os adolescentes que cumprem medidas socioeducativas. Estas são aplicadas a adolescentes que cometeram algum ato infracional, e elas englobam a advertência (Art. 115 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)), a obrigação de reparar o dano (Art. 116 do ECA), a prestação de serviços à comunidade (Art. 117 do ECA), a liberdade assistida (Arts. 118 e 119 do ECA), a semiliberdade (Art. 120 do ECA) e a internação (Arts. 121 a 125 do ECA).

Encontraram-se poucos estudos na literatura que tratam sobre a raiva e nenhuma relacionando um grupo de risco, como o dos adolescentes em conflito com a lei.

Em uma pesquisa realizada por Dias, Vikan e Gravas (2000), visando verificar as respostas de crianças sobre como parar o sentimento de tristeza e raiva, os autores concluíram que a regulação das emoções variavam em razão do contexto e da idade, e que as crianças brasileiras usaram mais a interação social e as crianças norueguesas recorreram mais às estratégias cognitivas para raiva, mas não para tristeza.

Guimarães e Pasian (2006) se propuseram a verificar a impulsividade agressiva, por meio do componente raiva, nos adolescentes e perceberam que há diferenças significativas no nível de expressão de raiva dos adolescentes em razão do gênero, visto que os meninos apresentaram índices mais elevados.

Monteiro e Günther (2006) realizaram uma pesquisa com o objetivo de analisar as relações entre agressividade, raiva na direção e erros e violações de motoristas, e os resultados apontam que os menores índices de agressividade são relacionados a baixos índices de erros e violações de motoristas.

Ferreira e Capitão (2006) realizaram uma pesquisa com o intuito de verificar a relação entre o tipo de delito e os construtos de agressividade e raiva em presidiários; os resultados indicam que o grupo de sequestradores apresenta uma instabilidade muito grande entre os fatores relativos à raiva, enquanto os que não praticaram sequestro têm uma estabilidade aparentemente maior. A diferença significativa para o fator intrapunitivo mostrou que os indivíduos que cometeram furto reprimem menos a agressividade em situações de frustração quando comparados àqueles que não cometeram tal delito.

Assim, com a presente pesquisa, objetivou-se verificar a raiva enquanto traço de personalidade e o autocontrole desses adolescentes que estão cumprindo medida socioeducativa.

2 METODOLOGIA

Os participantes foram selecionados dentre os adolescentes que se encontram cumprindo medida socioeducativa no Casep de um município da região Meio-Oeste de Santa Catarina, decorrente da prática de algum ato infracional. De acordo com a legislação brasileira, adolescentes infratores não cumprem pena, mas medida socioeducativa, que visa reintegrá-los à sociedade (BRASIL, 1990 apud SCHMITT et al., 2013).

A amostra foi composta por 11 adolescentes que cumpriam medida socioeducativa no Casep, de um total de 13 sujeitos que se encontravam em regime de internação, no mês de julho de 2013. A seleção aconteceu conside-

rando-se a idade (14 a 18 anos) permitida pelos instrumentos utilizados. Conforme o ECA, pelo Art. 121, a internação constitui medida privativa da liberdade.

Para a pesquisa, foram utilizados dois testes validados pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), o Teste STAXI (Inventário de Expressão de Raiva como Estado e Traço) e o Teste EMAC (Escala Masculina de Autocontrole), e também foi realizada uma entrevista semiestruturada com os adolescentes.

O teste STAXI fornece medidas concisas da experiência e expressão de raiva. Nele há seis escalas, sendo elas: Estado de Raiva, Traço de Raiva, Raiva para Dentro, Raiva para Fora e Controle de Raiva, e duas subescalas, sendo elas: Temperamento Raivoso e Reação de Raiva. Desse modo, pode-se classificar os indivíduos de acordo com a intensidade da raiva e quanto à frequência com que ela é vivenciada, expressada, reprimida ou controlada (SPIELBERGER, 2003, p. 13-15). O teste EMAC estima a percepção que o adolescente tem de si mesmo em relação a dois núcleos de conduta. Um se refere a regras e condutas sociais e o outro a sentimentos e emoções (MARTINELLI; SISTO, 2006, p. 7).

A coleta de dados foi feita com agendamento prévio com os responsáveis pela instituição, sendo realizada em três tardes. A aplicação dos instrumentos foi realizada individualmente, em razão da dificuldade de leitura e compreensão por parte dos entrevistados.

A pesquisa foi submetida à apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), tendo sua aprovação com o Parecer n. 292.362, de 29 de maio de 2013.

3 ANÁLISE DOS DADOS

3.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS SUJEITOS

O perfil do adolescente autor de ato infracional confunde-se com o de grupos ditos vulneráveis socialmente, marginalizados em relação a políticas públicas e ao acesso a condições dignas de vida (AYRES; JÚNIOR; CALAZANS; FILHO, 2003 apud MONTE et al., 2011) em razão de fatores históricos, culturais e estruturais, a saber: a maior parte dos adolescentes autores de ato infracional são do gênero masculino, com baixa escolaridade e baixa renda familiar, além de fazer uso de drogas ilícitas, como a maconha, o crack e a cocaína (TEIXEIRA, 2005 apud MONTE et al., 2011).

Considerando o que a literatura de Amorin (2007), Shaffer (2009), Monte (2011) e Schmitt et al. (2013) aponta sobre esse grupo, a realidade observada condiz com a pesquisa, pois observa-se que esses adolescentes são marginalizados e, muitas vezes, julgados pela sociedade.

Tabela 1 – Perfil dos adolescentes

Sujeito	Idade (anos)	Escolaridade	Escola	Região (SC)	Delitos
Sujeito 1	14	4ª série	Pública	Meio-Oeste catarinense	Tentativa de homicídio
Sujeito 2	14	8ª série	Pública	Meio-Oeste	Estupro
Sujeito 3	15	5ª série	Pública	Litoral	Homicídio
Sujeito 4	15	5ª série	Pública	Meio-Oeste	Tráfico
Sujeito 5	16	6ª série	Pública	Meio-Oeste	Homicídio
Sujeito 6	16	5ª série	Pública	Meio-Oeste	Tráfico
Sujeito 7	17	5ª série	Pública	Meio-Oeste	Tentativa de homicídio
Sujeito 8	18	5ª série	Pública	Meio-Oeste catarinense	Homicídio
Sujeito 9	18	5ª série	Pública	Litoral	Homicídio
Sujeito 10	18	2ª grau	Pública	Litoral Litoral	Homicídio
Sujeito 11	18	5ª série	Pública	Oeste	Assalto à mão armada

Fonte: os autores.

Os adolescentes que se encontram cumprindo a medida socioeducativa no Casesp são todos do gênero masculino, solteiros e têm entre 14 e 18 anos, porém, a idade não condiz com o grau de instrução, ou seja, todos têm um nível de escolaridade baixa; a maioria é da região Meio-Oeste catarinense e nenhum deles tem reincidência fixa.

A literatura tem o costume de olhar para a adolescência como um período caracterizado por intensa necessidade de explorar e experimentar o contexto em que se vive. Evidências indicam que essa necessidade de exploração e de experimentação torna o adolescente mais vulnerável ao engajamento em comportamentos que envolvem riscos pessoais (IRWIN; MILLSTEINS, 1986 apud AMORIN, 2007).

Apesar de os meninos serem mais propensos a seguir o padrão de desenvolvimento, a lacuna entre os gêneros na delinquência tem diminuído. Delinquentes masculinos ainda dominam as estatísticas de crimes violentos, mas as mulheres são tão propensas quanto os homens a se envolverem em assaltos, desvios sexuais e abuso de substâncias e, também, são mais propensas a serem presas por comportamentos como fugir de casa e se envolver com a prostituição (UNIFORM CRIME REPORTS, 1997 apud SHAFFER, 2009, p. 500).

Berger (2003, p. 244) aponta que:

[...] a adolescência não se caracteriza por ser uma época de problemas, mas todos os adolescentes passam por momentos de dificuldades, confusão, irritação e depressão; muitos cometem sérios deslizes no caminho em direção à maturidade; e alguns encontram obstáculos que obstam completamente seu progresso.

Por todo o mundo, as estatísticas policiais sobre a prisões mostram que estas costumam ocorrer mais na segunda década de vida do que em qualquer outra. Mais especificamente, as taxas de prisão aumentam rapidamente por volta dos 12 anos, atingem o máximo aos 16 anos, e depois declinam lentamente a cada ano que passa (RUTTER, 1998; SHOEMAKER, 1996; SMITH, 1995 apud BERGER, 2003, p. 291).

A pesquisa aponta que 73% dos adolescentes cometeram crimes contra a vida, sendo estes homicídio, tentativa de homicídio, estupro e também pode-se considerar o assalto à mão armada, pois, da mesma forma, coloca em risco a vida de terceiros. Esse índice demonstra que há maior incidência desse tipo de crime na região estudada do que em nível nacional. Vale ressaltar que cinco adolescentes estão cumprindo medida socioeducativa por homicídio, dois adolescentes por tentativa de homicídio, dois adolescentes por tráfico, um por estupro e um por assalto à mão armada.

Apesar do forte enfoque dado à questão do adolescente que comete ato infracional nos dias de hoje, considera-se que esse é um problema antigo e complexo. Conforme sinalizam Oliveira e Assis (1999 apud MONTE et al., 2011), a justiça brasileira relata casos de atos violentos cometidos por adolescentes já no ano 1830.

Manchetes do tipo: *Violência quadruplicou entre menores nos últimos 10 anos* (BRASIL PORTAIS, 2008 apud MONTE et al., 2011) e *Crescimento da violência nos crimes cometidos por menores chama atenção de especialistas* (MARSOLA, 2008 apud MONTE et al., 2011) são rotineiras e destacam o aumento do número de casos, impunidade e crueldade dos crimes cometidos por adolescentes.

Quando se avalia a criminalidade em âmbito nacional, o levantamento de 2011 do Ministério da Justiça mostra que, dentre os menores que já cumprem medida socioeducativa, a larga maioria – cerca de 43,7% – cometeram crimes patrimoniais e violência (furto e roubo); em seguida vem o envolvimento com tráfico de drogas (26,6%). Esses crimes também são os responsáveis pelo maior número de encarceramento de adultos no País. O que significa dizer que os menores serão encarcerados em ampla maioria não por cometerem crimes contra a vida (homicídios, responsável por 8,4%, latrocínio, 1,9%), mas por furtarem ou se envolverem em tráfico de drogas. Segundo estimativas da Secretaria de Segurança Pública do Ministério da Justiça, alcançaria 0,9% dos crimes cometidos em todo o País, por pessoas que possuem entre 16 e 18 anos; dos quais, 0,5% são homicídios (incluindo as tentativas). A pesquisa refere-se a todos os delitos cometidos por adultos e menores. (JUSBRASIL, 2013).

Uma pesquisa anual sobre a violência no Brasil aponta que Santa Catarina tem um dos menores índices de criminalidade do Brasil. Mas os números apontam também que a violência cresceu em relação a anos anteriores (MAPA, 2012). Santa Catarina sofreu aumento de homicídios de 44,5% nesta década, embora ainda permaneça com taxa de

8,5 homicídios por grupos de 100 mil, estando na 23ª posição no *ranking* nacional (MAPA, 2013). Dados assinalam que Santa Catarina esteve estável até os anos 2000, mas é a partir dessa época que há um crescimento vertiginoso da violência: uma média de 5% ao ano. Porém, se comparados ao resto do País, os índices ainda são razoáveis (a média nacional é de 26 homicídios por 100 mil habitantes enquanto a média de Santa Catarina é de 12 por 100 mil). A região de Foz Rio Itajaí ultrapassa a média nacional. Mas todas as regiões, a partir de 2007, tiveram alto crescimento dos homicídios e o aumento dos homicídios pelo tamanho das cidades. O maior índice não foi nas maiores cidades, como Joinville, mas em cidades como Florianópolis e São José (200 a 500 mil habitantes) (BAND, 2012).

3.2 A RAIVA ENQUANTO TRAÇO DE PERSONALIDADE

Frequentemente, utilizamos a palavra personalidade ao descrevermos outras pessoas e a nós mesmos. De acordo Adams (1954 apud SCHULTZ; SHULTZ, 2011), poderemos até ter uma ideia se examinarmos o que queremos ao utilizar a palavra eu. Ao dizer eu, na verdade você está resumindo tudo sobre si mesmo – do que gosta ou não, os seus temores e virtudes, pontos fortes e fracos. A palavra eu é o que o diferencia como indivíduo, separadamente de todos ou outros.

O termo personalidade deriva do latim *persona*, que significa máscara. Pode-se dizer que a personalidade são características externas e visíveis. A sua definição em um dicionário comum concorda com esse raciocínio, pois afirma que personalidade é o aspecto visível do caráter de uma pessoa, à medida que ela impressiona os outros. Além das características vistas pelos demais, há as características permanentes e estáveis, mas em determinados momentos, uma pessoa calma pode passar em instantes para uma pessoa agressiva. Desse modo, convém ressaltar que a personalidade sofre mudanças sob determinados estímulos (SCHULTZ; SHULTZ, 2011). O indivíduo é um ser biopsicossocial, posto que sofre influência por meio da genética, já que os genes o predispõem a desenvolver alguns traços da personalidade, pelo psicológico, no qual há interação das emoções, e pelo meio social, pelo qual o indivíduo é moldado conforme a cultura e os valores que recebe.

Já o caráter origina-se do grego *krarasséin* ou *kharakter*, significando, respectivamente, gravação e marca. A firmeza moral de uma pessoa, portanto, é o sinal visível de sua natureza interior. É o que somos por baixo de nossa personalidade (REIS; MAGALHÃES; GONÇALVES, 1984).

O caráter implica na aquisição e estruturação de um certo número de traços ou marcas deixadas no sujeito ao longo de seu processo de desenvolvimento e que determinam, no interior da personalidade, uma postura típica face aos diferentes acontecimentos e situações da vida. A formação do caráter é uma função egóica de proteção, ligada às pulsões de autoconservação; portanto, em sua essência, é um mecanismo de proteção narcisista. É a forma de se defender frente às estimulações desagradáveis provenientes do meio exterior; no caso, é a defesa contra as frustrações e punições do meio social às tentativas de realização das pulsões sexuais. (REIS; MAGALHÃES; GONÇALVES, 1984).

Assim, o caráter faz parte da personalidade, pois é responsável pela forma habitual e constante de agir de cada indivíduo. Eysenck e Eysenck (1987 apud SISTO; RUEDA, 2008) consideram a personalidade uma hierarquia de traços, definindo-os como tendências duradouras, que determinariam formas de se comportar em diferentes situações.

Ballone e Meneguetta (2008) argumentam que nenhum ser humano mostrará algum traço de personalidade que já não exista em outro ser humano, pois a todos os indivíduos de uma mesma espécie são atribuídos os traços característicos desta. Desse modo, pode-se considerar como traço predominante da pessoa em questão a característica que melhor a define, como se, entre tantos traços típica e caracteristicamente humanos, esse traço específico predominasse sobre os demais. É exatamente a predominância de alguns traços e a atenuação de outros que acabam por constituir a personalidade de cada um.

A personalidade é o que nos guia a ser o que somos; são traços genéticos e do ambiente onde estamos inseridos que nos levam a agir das mais variadas formas. Se recebermos determinados estímulos, agiremos de tal forma, e o que nos motiva a agir assim são emoções como alegria, surpresa, medo, nojo, desprezo, tristeza e raiva, as quais nos impulsionam a agir e a modificar.

Castilho (2011, p. 49) explica a emoção como uma experiência subjetiva, que pode variar de acordo com o temperamento e a personalidade do indivíduo. Algumas dessas reações são inatas, instintivas e fazem parte do mecanismo de sobrevivência do ser humano. Além disso, as emoções também servem como combustível para a evolução da humanidade.

Ekman (2011, p. 34) menciona que, durante quase todo o tempo, nossas emoções nos atendem bem e nos mobilizam para lidar com o que é mais importante na vida, permitindo-nos diversos tipos de satisfação. No entanto, às vezes, nossas emoções podem nos deixar em apuros. Isso acontece quando temos reações emocionais impróprias: podemos sentir e demonstrar a emoção correta, mas com a intensidade errada.

A sociedade legitima algumas emoções, as quais são consideradas socialmente aceitas, pois ajudam o indivíduo a ter um bom relacionamento interpessoal. Algumas dessas emoções são a felicidade, a satisfação, o afeto e a empatia. Ainda, há algumas emoções que prejudicam e interferem em um relacionamento, quais sejam, o medo, a angústia, a tristeza e a raiva.

A palavra raiva abrange diversas experiências afins. Há uma variedade de sentimentos de raiva, desde o aborrecimento leve até a fúria. Não há só diferença na força dos sentimentos, mas também diferenças do tipo de raiva. A indignação é a raiva farisaica; o mau humor é a raiva passiva; a exasperação refere-se a ter a paciência provocada em excesso. A vingança é um tipo de ação furiosa cometida, em geral, após um período de reflexão a respeito da ofensa, às vezes com maior intensidade que o ato que a provocou. (EKMAN, 2011, p. 127).

Para Castilho (2011, p. 56), várias são as causas de uma explosão de raiva: a frustração, a ameaça física, algo que causa dano psicológico ou que ofenda nossos valores morais, a impotência ante o sofrimento, o fracasso em atender às nossas expectativas e um ataque de raiva de alguém contra nós.

Spielberger (2003) conceitua a experiência de raiva sendo um traço de raiva enquanto componente principal, em que o sujeito tem a tendência de se descontrolar facilmente. Em relação ao traço de raiva, há a possibilidade do temperamento raivoso, por meio do qual o sujeito expressa a raiva sem, necessariamente, ter recebido uma provocação direta.

Tabela 2 – Traço de raiva e temperamento raivoso

	Traço de raiva (%)	Temperamento raivoso (%)
Baixo	27	36
Médio	0	9
Alto	73	55

Fonte: os autores.

Conforme a Tabela 2, 73% dos participantes tiveram um percentual alto de traço de raiva, o qual se refere à disposição do indivíduo em perceber uma série de situações como desagradáveis ou frustradoras (SPIELBERGER, 2003, p. 14). Pode-se inferir que, frequentemente, esses adolescentes experenciam o sentimento de raiva, podendo também se sentirem injustiçados pelos demais. O Sujeito 8, quando questionado sobre o conceito de raiva, responde que: "Raiva é aquilo que eu sinto quando as pessoas falam coisas que não gosto." (informação verbal). Para Rosenzweig (1944, 1948 apud FERREIRA; CAPITÃO, 2006), existem dois tipos de frustração: a primária, ou de privação, é caracterizada pela quantidade de tensão e insatisfação subjetiva, decorrente da ausência de uma situação final essencial à satisfação da necessidade ativa; já a secundária é constituída pela presença de obstáculos ou dificuldades no caminho que conduz à satisfação de uma necessidade.

Para Ballone (2006), a raiva pode ser entendida como uma sensação de frustração que sentimos quando esboçamos um desejo e ele não se concretiza. Em decorrência disso, surge a frustração com vontade de revidar, que é a raiva, a qual é geradora de impulsos violentos contra os que nos ofendem, ferem ou invadem a nossa dignidade e é responsável por um sem número de atos de violência, incluindo contra nossa própria saúde.

Traço de raiva faz parte da personalidade, desse modo, pressupõe-se que esses adolescentes carregam consigo traços genéticos, os quais, aliados ao meio ambiente hostil onde esses sujeitos cresceram, fazem com que eles frequentemente apresentem essa característica, o que os torna constantemente frustrados e irritados.

Pessoas com temperamento raivoso são conhecidas como “explosivas”, expressam seu sentimento de raiva por pouca provocação, frequentemente são impulsivas e não conseguem controlar a raiva (SPIELBERGER, 2003, p. 29). De acordo com a Tabela 2, 55% dos adolescentes apresentaram temperamento raivoso e somente 36% deles demonstraram apresentar um controle sobre suas emoções. Pode-se verificar tais características no Sujeito 2, quando afirma: “[...] tenho vontade de brigar ou bater em alguém, em qualquer coisa.” (informação verbal).

Freud (1998), Storr (1970) e Winnicott (1999) descrevem que o agente inibitório primário da agressão é o superego, sendo este desenvolvido no processo de interação ambiental da criança com a família. Algumas crianças se desenvolvem de maneira a tornarem-se incapazes de controlar sua agressão quando adultas e a agir de acordo com seu próprio impulso hostil. Nesses adultos, a agressão ou é reprimida e voltada para o próprio ego ou é deserdada e atribuída aos outros, sendo expressa sob formas explosivas e infantis, o que os impede de integrarem suas agressões de modo positivo. (FERREIRA; CAPITÃO, 2006).

Castilho (2011, p. 56) expõe que, de fato, quando se está com raiva, o organismo aumenta a irritação dos membros superiores e inferiores, preparando-nos para lutar. Parte da experiência de raiva é o risco de perdemos o controle, é o que muitos dos adolescentes comentaram durante a entrevista, afirmando que quando estavam com raiva cometiam atos impensados, como relataram o Sujeito 8: “Vontade de fazer coisa ruim, a gente não tá nem aí pra aquilo que a gente vai fazer.” e o Sujeito 9: “Só me passa viagem na cabeça, se alguém me incomoda vou partir pra cima dele.” (informações verbais).

Jesseor (1992 apud AMORIN, 2007) aponta os comportamentos de risco que podem comprometer o desempenho de certas tarefas do desenvolvimento padrão, estas como a realização de papéis sociais esperados, a aquisição de habilidades essenciais, a objetivação de um sentido de adequação e competência, bem como uma apropriada preparação para a transição à fase adulta.

O temperamento raivoso é quando o sujeito se expõe e se impõe sobre qualquer situação que lhe irrita, tendo um comportamento impulsivo, colocando-se, muitas vezes, em situações impensadas, como discussões e brigas. Desse modo, pode-se inferir que há uma gama de situações estressoras que alteram o comportamento desses adolescentes, pois há um traço em sua personalidade que, quando colocados em situações que implicam uma posição mais racional, esses adolescentes não conseguem manter a calma e se colocam em situações socialmente não aceitas.

3.3 AS VÁRIAS FORMAS DE EXPRESSÃO DA RAIVA E O AUTOCONTROLE

Hurlock (1979) expõe que a maioria dos investigadores das emoções da adolescência está de acordo que esse é um período em que a emotividade está elevada e qualquer emoção pode se intensificar, no sentido de que a pessoa a sente mais forte e persistente do que lhe é comum.

A raiva enquanto uma possibilidade de emoção pode ser entendida como uma sensação de frustração que sentimos quando esboçamos um desejo e ele não se concretiza. Na adolescência, essa expressão pode se acentuar, pois essa fase é marcada por uma instabilidade extensiva a todos os aspectos do indivíduo (ABERASTURY, 1983 apud GUIMARÃES; PASIAN, 2006). Tantas exigências favorecem a vulnerabilidade e podem levar à concretização dos chamados riscos de desenvolvimento (MARTURANO; ELIAS; CAMPOS, 2004; YUNES; SZYMANSKI, 2001 apud GUIMARÃES; PASIAN, 2006), os quais, por sua vez, podem ter origem na própria organização do mundo interno do adolescente, bem como podem ser estimulados pelo contexto sociocultural. Essa acentuada complexidade do processo da adolescência, com sua marcada vulnerabilidade socioafetiva, pode, em parte, ser responsável pela incidência dos transtornos do desenvolvimento nessa fase (CASULLO, 1998 apud GUIMARÃES; PASIAN, 2006).

A raiva, que é a geradora de impulsos violentos contra os que nos ofendem, ferem ou invadem a nossa dignidade, é responsável por um sem número de atos de violência, incluindo contra nossa própria saúde (BALLONE, 2006).

Para Hurlock (1979, p. 78-79):

Os mais intensos estímulos de raiva na adolescência são sociais, isto é, relacionam-se com as pessoas. Os objetos e situações são muito menos importantes como estímulos de cólera, tanto em qualidade quanto em intensidade. As causas mais comuns da raiva entre os estudantes sênior e júnior: provocações, tratamento injusto, irmão que toma o que é seu ou que se impõe a eles, mentirem-lhe, tratamento superior para subordinado, observações sarcásticas a seu respeito, ou as coisas não saírem certas. Entre os estudantes de faculdade, as causas sociais da ira incluem distorção de autoafirmação, como acusações injustas, comentários insultuosos ou sarcásticos, conselho não solicitado, contradições, provações e tratamento como se fosse um inferior, e não ser convidado para uma festa.

Em cada cultura, um conjunto de normas sociais estabelece o que usualmente se denomina bons modos. Aqueles que desconsideram essas normas são, frequentemente, marginalizados pelas pessoas e grupos que as adotam (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001, p. 71).

Spielberger (2003) conceitua a expressão de raiva com três componentes principais, sendo eles a raiva para dentro, que é quando o indivíduo reprime seus sentimentos de raiva, a raiva para fora, quando o indivíduo expressa a sua raiva contra pessoas ou objetos e o controle de raiva, quando o indivíduo consegue controlar a sua raiva.

Tabela 3 – Raiva para dentro e fora

	Raiva para dentro (%)	Raiva para fora (%)
Baixo	45	27
Médio	0	0
Alto	55	73

Fonte: os autores.

A Tabela 3 aponta que 55% dos adolescentes, frequentemente, experienciam sentimentos intensos de raiva, mas tendem a reprimir tais sentimentos em vez de expressá-los, seja com o comportamento físico seja com o verbal, e 45% demonstram de alguma forma o que estão sentindo. Muitos adolescentes, durante a entrevista, argumentaram que quanto algumas situações lhes incomodam e estão se sentindo com raiva, afastam-se dos demais e ficam introspectivos. O Sujeito 6 fala que não expressa a raiva: “Não demonstro, fico no canto, aqui (Casep) a maioria é assim, você vê que ele fica no canto, já sabe que tem algo errado.” (informação verbal).

Del Prette e Del Prette (2001) argumentam que as emoções negativas, como a raiva, o desagrado e a decepção são particularmente difíceis de serem expressas sem afetar a qualidade dos relacionamentos. A contenção da raiva leva a um acúmulo progressivo dessa emoção, o que pode, a qualquer momento, resultar em uma “explosão” diante de uma situação aparentemente pouco estressante. A raiva também pode levar a conversões psicossomáticas, como: cefaleia, gastrite, colite, úlcera, aftas, ansiedade, medo de descontrole e evitação de contatos sociais.

No direcionamento da expressão da raiva, quando se diz que esta é voltada “para dentro”, ela é retida, contida e, então, vivenciada como uma variação na intensidade do “estado de raiva”. Neste processo, estão implicados conceitos psicanalíticos de raiva voltada para o ego ou self (SPIELBERGER; BIAGGIO, 1992), podendo resultar em sentimentos de culpa e depressão. Na “raiva para dentro”, a pessoa pode chegar a não experienciar diretamente o sentimento de raiva, em função do processo de supressão da mesma. (GUIMARÃES; PASIAN, 2006, p. 92).

O Sujeito 8 expõe que “[...] o pessoal fica me tirando, mas não adianta pedir para parar.” (informação verbal). É importante a expressão adequada dos sentimentos negativos de raiva, desagrado e desgosto; ela não se confunde com o mero desabafo e deve, sempre que possível, ser acompanhada de pedido de mudança de comportamento daquele que, intencionalmente ou não, gera este sentimento (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001, p. 81).

Desse modo, a raiva para dentro são os sentimentos reprimidos ou guardados para si, os quais o sujeito não consegue expor para o estressor.

Na Tabela 3 se apresentou um percentil significativo (73%) em raiva para fora, relativa aos adolescentes demonstrarem ter um comportamento agressivo contra aquilo que lhes frustra ou irrita. Quase todos os adolescentes

falaram que bateram ou quebraram algo quando estavam com raiva, gerando consequências danosas e irreversíveis; alguns deles, depois do ato, sentiram-se arrependidos. Foi o que os Sujeito 8 e 9 responderam sobre o que é a raiva e se já quebraram ou bateram em algo: “Sim, bati no meu primo. Ele ficou me xingando, depois me arrependi de ter feito isso.” e “Um momento que a gente não está bem [...] a gente faz algumas bobagens e se arrepende depois. Na hora da raiva a gente só é motivado por ela.” (informações verbais).

Spielberger (2003, p. 28) aponta que indivíduos com altos percentis de raiva para fora frequentemente experienciam raiva, a qual expressam em comportamento agressivo dirigido a outras pessoas ou objetos do meio. A raiva para fora talvez seja expressa por meio de atos físicos, como agredir uma pessoa ou bater portas, ou talvez seja expressa na forma verbal, por meio de críticas, sarcasmos, insultos, ameaças e uso extremos de palavras.

Para Del Prette e Del Prette (2011), a assertividade é uma classe de habilidades sociais de enfrentamento em situações que envolvem riscos de reação indesejáveis do interlocutor, com controle da ansiedade e expressão apropriada de sentimentos, desejos e opiniões. Ela implica tanto na superação da passividade quanto no autocontrole da agressividade e de outras reações não habilidosas. É o que o Sujeito 4 expressa em sua fala: “Xingo com a primeira coisa que vier na cabeça. Já quebrei pratos, o que tive pela frente to quebrando. Bati em um guri que me chamou de filho da puta no colégio.” (informação verbal). Isso demonstra que de fato esses adolescentes não sabem expressar sua raiva de forma correta, nem expor sua insatisfação perante aquilo que não lhe agrada.

A questão da expressão adequada de sentimentos, contemporaneamente abordada na terapia comportamental com o conceito de assertividade, vem sendo estudada pela Psicologia há quase cinquenta anos. Buscando promover comportamentos assertivos, muitas definições já foram propostas, diversos inventários foram criados e treinamentos foram desenvolvidos para indivíduos com dificuldades para expressar seus sentimentos em situações interpessoais. (ALBERTI; EMMONS, 1970, 1978; LAZARUS, 1971, 1980; WOLPE, 1973, 1980 apud CUNHA; TOURINHO, 2010).

Os indivíduos com altos percentis de raiva para fora expressam essa raiva em relação a outras pessoas e a objetos de forma errada, externalizando-a agressivamente, quebrando objetos ou batendo em pessoas.

O autocontrole é definido como uma forma de controlar o próprio comportamento, geralmente em situações conflituosas, e comportar-se de acordo com padrões definidos pela sociedade (MARTINELLI; SISTO, 2006 apud SISTO; RUEDA, 2008). Em relação ao autocontrole desses adolescentes quanto ao seu comportamento às regras e condutas sociais, bem como o autocontrole em relação aos seus sentimentos e emoções, obtiveram-se os seguintes dados:

Tabela 4 – Regras e condutas, sentimento e emoções

	Geral (%)	Regras e condutas sociais (%)	Sentimento e emoções (%)
Baixo	64	64	18
Médio	27	27	55
Alto	9	9	27

Fonte: os autores.

De acordo com a escala Geral da Tabela 4, 64% dos adolescentes apresentaram baixo autocontrole, o que significa que eles reagem de uma forma não socialmente aceita e, muitas vezes, exacerbam suas emoções inapropriadamente em determinadas circunstâncias.

Desde os primórdios da sociedade, em razão da preocupação com o controle do comportamento, diversos procedimentos foram criados para se efetivar o controle social e moral. Desde o nascimento, o ser humano é submetido a uma série de regras e restrições a seu comportamento, como aprender a controlar os impulsos, visando a um melhor e mais adequado engajamento na vida social. Segundo Branco (1978 apud MARTINELLI; SISTO, 2006), a socialização da criança e o seu desempenho satisfatório, no contexto de uma sociedade organizada, depende da aprendizagem de comportamentos autocontrolados.

De fato, esse adolescente não consegue controlar sua raiva, como expõe do Sujeito 6: “Fico descontrolado. A gente fica assim quando alguma coisa ruim acontece.” (informação verbal). O adolescente que teve a ação mais agravante quando estava se sentindo motivado pela raiva foi o Sujeito 5: “Já matei alguém quando estava com raiva,

tinham ameaçado a minha família. Um deles me deu um soco na trairagem e já tinha batido em um amigo meu. Dei nove facadas nele.” (informação verbal).

O autocontrole está presente em nosso dia a dia, desde em situações simples até em algo que demande grande energia, já que em cada cultura há suas regras, condutas sociais, sentimentos e emoções socialmente aceitas.

Em relação às regras e condutas sociais (Tabela 4), 64% dos adolescentes apresentaram baixo autocontrole, apresentando falta de autodisciplina, organização, obediência e responsabilidade com as suas obrigações, já que demonstram não cumprir seus deveres.

Para Del Prette e Del Prette (2011):

As habilidades sociais de civilidade podem ser entendidas como a expressão comportamental das regras mínimas de relacionamento aceitas e/ou valorizadas em uma determinada subcultura. Elas raramente são alteradas em sua função, embora sejam recriadas quando à forma.

Regras e condutas sociais estão presentes em todas as sociedades, e todos os indivíduos devem cumpri-las para que tenham um bom convívio social e, também, para não sofrerem punições.

Em relação a sentimento e emoções, 55% dos adolescentes se apresentaram na média, evidenciando que não têm vergonha ou descontentamento em relação ao próprio comportamento, como respondeu o Sujeito 10: “Não, eu sou eu, não preciso ser mais ninguém.” (informação verbal).

Conforme Del Prette e Del Prette (2011), algumas habilidades são componentes indispensáveis da classe autocontrole e expressividade emocional, como, por exemplo, reconhecer e nomear as emoções próprias e as dos outros, falar sobre emoções e sentimentos, acalmar-se, lidar com os próprios sentimentos, controlar o próprio humor, lidar com sentimentos negativos (vergonha, raiva, medo), tolerar frustrações, e mostrar espírito esportivo. Percebe-se que os sujeitos que participaram deste trabalho de investigação apresentam dificuldades nesses componentes, como se pode observar na fala do Sujeito 1, quando questionado sobre o conceito de raiva: “Ruim, é difícil de explicar.” e na do Sujeito 5. “Não sei explicar. Sei lá, ferve o sangue quando a gente não gosta de uma pessoa.” (informações verbais). Há uma dificuldade em caracterizar a emoção raiva, demonstrando uma imaturidade em relação aos sentimentos. Esses adolescentes também apresentam grande dificuldade em falar sobre suas emoções, visto que apenas o Sujeito 9 comentou que fala sobre suas emoções e sentimentos, “[...] quando tava na rua, falava com minha mãe. Agora que to preso, dá vontade de fazer coisa errada, às vezes falo com pessoas daqui.” (informação verbal).

Já em relação a acalmar-se, a maioria dos adolescentes falou que ficam sozinhos, o que demonstra que de alguma forma eles tentam se controlar. Observou-se, também, que nenhum dos adolescentes tenta lidar com os sentimentos negativos, tolerar frustrações e ter um espírito esportivo, como se pode perceber nas falas dos Sujeitos 6, 9 e 3, respectivamente: “[...] quando ficam me criticando, falando coisas que eu não fiz ou falando mal da minha família”, “[...] se ficam me tirando”, “[...] ficar me provocando [...]” (informações verbais).

O autocontrole em sentimento e emoções significa que o indivíduo consegue se controlar diante de situações estressantes. Um mínimo de controle emocional é esperado de qualquer indivíduo, o que não se observou em muitos desses adolescentes, pois não conseguem controlar suas emoções frente às variadas situações do seu dia a dia.

Assim, observa-se que esses adolescentes expressam de forma agressiva a sua raiva, não tendo controle sobre seus impulsos. Sabe-se que a sociedade cobra constantemente alguma reação do indivíduo, mas que esta seja moderada, expressa passivamente, desse modo, esses adolescentes não se encaixam nessa sociedade, pois apresentam comportamento agressivo e grande dificuldade em aceitar regras, ter conduta social aceitável e expor seus sentimentos e suas emoções, o que os faz, então, serem julgados por sua forma agir. Dessa forma, entende-se que ser assertivo é a conduta adequada para todos os sujeitos, posto que implicaria em se ter uma saúde mental.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente trabalho, teve-se como objetivo avaliar a raiva dos adolescentes que estão cumprindo medida socioeducativa privativa de liberdade. Observa-se, desse modo, que a raiva para esses adolescentes é uma emoção muito experienciada, porém, pouco observada por eles, pois muitos não conseguem ao menos conceituá-la.

Pressupõe-se que esses adolescentes carregam traços genéticos de raiva, além de terem crescido inseridos em um ambiente hostil, com poucos exemplos de comportamento assertivo, o que fez com que desenvolvessem esse comportamento em relação a provocações, frustrações, críticas, etc. Essa exposição à raiva por qualquer motivo faz com que o sujeito tenha um alto prejuízo social, pois, sem ter o controle sobre essa emoção, em muitas situações estressantes, tende a agir impulsivamente, gerando consequências danosas à sua vida.

Muitos desses adolescentes têm dificuldade em expressar sua raiva de forma correta, ou seja, de forma assertiva; em determinadas situações, como em críticas ou quando alguém faz algum comentário do qual não gostem, eles tendem a reprimir esse sentimento, não expondo, dessa forma, sua raiva. Em contrapartida, são extremamente impulsivos quando alguém critica sua família ou fere seu ego. Percebe-se que esses adolescentes têm grande dificuldade em expressar e conceituar suas emoções, assim, fazendo-o de forma monossilábica, pois não conseguem argumentar sobre seus sentimentos.

O que se pode perceber é que esses indivíduos não conseguem ter controle sobre os seus impulsos raivosos. Desse modo, pode-se constatar que os adolescentes têm uma desenvoltura particular perante situações nas quais precisam se expor e se impor socialmente, porém, sua forma de agir não é socialmente aceita. Um treinamento em habilidades sociais para esses adolescentes é de suma importância, pois melhoraria a sua conduta social e viabilizaria suas relações interpessoais.

O papel do Casep é de suma importância para esses adolescentes na sua reinserção na sociedade, uma vez que muitos aprendem a conviver com o coletivo e com a imposição de regras. Contudo, vale salientar que para um trabalho mais eficaz, são necessários novos programas na Instituição. Desse modo, convém mencionar que se sugere novas pesquisas para um melhor entendimento desses adolescentes em situação de vulnerabilidade, nas quais se possa realizar um trabalho mais pontual relacionado a algumas ações corretivas.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Gustavo Galli de. **Comportamentos de risco na alta adolescência**: um estudo de caso em proposta transdisciplinar. 2007. Disponível em: <www.btdt.ucb.br>. Acesso em: 09 set. 2012.
- BALLONE, Geraldo José. Raiva e Ódio – Emoções Negativas. **PsiqWeb**, 2006. Disponível em: <www.psiqweb.med.br> Acesso em: 09 set. 2012.
- BALLONE, Geraldo José; MENEGUETTE, Juliana Padial. Teoria da Personalidade. **PsiqWeb**, 2008. Disponível em: <www.psiqweb.med.br>. Acesso em: 28 set. 2013.
- BERGER, Kathleen Stassen. **O Desenvolvimento da Pessoa – da infância à terceira idade**. Rio de Janeiro: LTC, 2003.
- CASTILHO, Wanderson. **Mentira – um rosto de muitas faces**. 2. ed. São Paulo: Urbana, 2011.
- CUNHA, Vívian Marchezini; TOURINHO, Emmanuel Zagury. Assertividade e Autocontrole: Interpretação Analítico-Comportamental. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 295-304, 2010. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 29 set. 2013.
- CURY, Munir. **Estatuto da Criança e do Adolescente Comentado – Comentários Jurídicos e Sociais**. 10. ed. São Paulo: Malheiros, 2010.
- DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. **Psicologia das Habilidades Sociais na infância**: teoria e prática. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. **Psicologia das Relações Interpessoais**: vivência para o trabalho em grupo. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges; VIKAN, Arne; GRAVAS, Sissel. Tentativa de crianças em lidar com as emoções de raiva e tristeza. **Estudo de Psicologia**, v. 5, n. 1, 2000. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 09 set. 2012.

EKMAN, Paul. **A linguagem das emoções**. São Paulo: Lua de papel, 2011.

FERREIRA, Elizelma Ortencio; CAPITÃO, Cláudio Garcia. Agressividade e raiva: perfil de presidiários. **Psicologia: Ciência Profissão**, Brasília, v. 26, n. 3, 2006. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 09 set. 2012.

GUIMARÃES, Nicole Medeiros; PASIAN, Sonia Regina. Agressividade na adolescência: experiência e expressão de raiva. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 89-97, jan./abr. 2006.

HANNA, Elenice; TODOROV, João Claudio. Modelos de Autocontrole na Análise Experimental do Comportamento: Utilidade e Crítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18, n. 3, p. 337-343, set./dez. 2002. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 29 set. 2013.

HURLOCK, Elizabeth B. **Desenvolvimento do adolescente**. São Paulo: McGraw-Hill, 1979.

LIPP, Marilda Emmanuel Novaes; CABRAL, Ana Carolina. Estudo de caso: treino cognitivo de controle da raiva em paciente com hipertensão leve. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, São Paulo, v. 11, n. 2, 2009. Disponível em: <pepsic.bvsalud.org>. Acesso em: 09 set. 2012

MAPA da Violência em SC. **Band**, 2012. Disponível em: <www.bandsc.com.br>. Acesso em: 09 out. 2013.

MAPA da Violência 2013: Brasil mantém taxa de 20,4 homicídios por 100 mil habitantes. **O globo**, 2013. Disponível em: <www.oglobo.globo.com>. Acesso em: 09 out. 2013.

MATINELLI, Selma de Cássia; SISTO, Fermino Fernandes. **EFAC & EMAC**. São Paulo: Vetor, 2006.

MONTEIRO, Cláudia Aline Soares; GÜNTHER, Hartmut. Agressividade, raiva e comportamento de motorista. **Psicologia: Pesquisa e Trânsito**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, 2006. Disponível em: <pepsic.bvsalud.org>. Acesso em: 09 set. 2012.

MONTE, Franciela Félix de Carvalho et al. Adolescentes autores de atos infracionais: Psicologia moral e legislação. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 23, n. 1, jan./abr. 2011.

REIS, Alberto Olavo Advincula; MAGALHÃES, Lúcia Maria Azevedo; GONÇALVES, Waldir Lourenço. **Teorias da personalidade em Freud, Reich e Jung**. São Paulo: EPU, 1984.

SCHMITT, Ricardo et al. Personalidade psicopática em uma amostra de adolescentes infratores brasileiros. **Revista Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 33, n. 6, 2006. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 15 set. 2013.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. **Teorias da Personalidade**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

SENADO: Violência cometida por jovens infratores não representa 1% dos crimes. 2013. Disponível em: <www.jusbrasil.com.br>. Acesso em: 24 set. 2013.

SHAFFER, David R. **Psicologia do Desenvolvimento**. 6. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

SISTO, Fermino Fernandes; RUEDA, Fabián Javier Marín. Estudo sobre as relações entre Autocontrole e Traços de Personalidade. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 12, n. 2, p. 369-380, 2008.

SPIELBERGER, Chales Donald. **Manual do STAXI**. São Paulo: Vetor, 2003.